



O PROCESSO CIVILIZADOR SEGUNDO NORBERT ELIAS

Osmar Nascimento de Oliveira – GETSEAM/UEM

Terezinha Oliveira(orientadora) – GETSEAM/DFE/PPE/UEM

Resumo: Esse é um estudo da obra *O Processo Civilizador* de Norbert Elias (1897 - 1990), no qual o autor analisa a história dos costumes a partir da formação do Estado Moderno e suas influências sobre a civilização. Nessa, que é reconhecida como sua maior obra, Elias leva-nos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota de sua própria sociedade. É possível que encontrasse um modo de vida muito diferente do seu, alguns hábitos e costumes lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis do seu ponto de vista, enquanto outros seriam inadequados. Estaria diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. No Processo Civilizador, Elias procura analisar questões fundamentais como quais os motivos e de que forma ocorreu essa mudança? Nesse texto apresentaremos a questão presente na obra na qual não há uma intenção deliberada de cada sujeito que produz a civilização, mas são os atos dos sujeitos singulares agregados uns aos outros que a tornam universal e produzem ou não a civilização.

Palavras-chave: História da Educação. Civilização. Comportamento. Norbert Elias.

Introdução

Pretendemos verificar, na obra *O Processo Civilizador* de Norbert Elias, nossa intenção foi verificar como se apresenta o processo de formação do homem civilizado e analisar aspectos relacionados à educação e ao bem viver em sociedade. Para atingir esse objetivo, elaboramos uma análise da história dos costumes e do processo civilizador, segundo a ótica de Norbert Elias. Apresentaremos a questão presente na obra na qual não há uma intenção deliberada de cada sujeito que produz a civilização, mas são os atos dos sujeitos singulares agregados uns aos outros que a tornam universal e produzem ou não a civilização. Dito de outra forma, as demandas sociais de cada tempo histórico possibilitam transformações nos hábitos e costumes socialmente aceitos. Essas transformações sucessivas na civilidade humana permitiram o atual grau de civilização e o desenvolvimento de nossa época, no entanto, esse processo não seria obra de planejamento de uma única pessoa ou grupo de pessoas. Foi a somatória dessas transformações que permitiu a constituição da atual civilização.

Norbert Elias nasceu em Breslau em 1897 e morreu em Amsterdam em 1990. Sociólogo alemão, estudou medicina, filosofia e psicologia nas Universidades de Breslau e Heidelberg. Desenvolveu uma abordagem que chamou de *sociologia figuracional*, que examina o surgimento das configurações sociais como consequências inesperadas da interação social. Seu trabalho mais conhecido é *O Processo Civilizador* (1939), no qual analisa os efeitos da formação do Estado Moderno sobre os costumes e a moral dos indivíduos.

Em *O Processo Civilizador*, Norbert Elias leva-nos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade ocidental contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota, tal como o período medievo-feudal. Possivelmente descobriria nele hábitos e modos que julga selvagem ou incivilizado em sociedades da atualidade. Tais hábitos, diferentes dos seus, não condizem com forma como foi educado, por isso os homens os abominariam. É possível que encontrasse um modo de vida muito diferente do seu, alguns hábitos e costumes lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis segundo seu ponto de vista, enquanto poderia considerar outros inadequados. Estaria diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. Para este homem, civilizados são os costumes do seu tempo, de seu povo, de sua terra. Aqueles hábitos que sua sociedade abomina é que seriam considerados incivilizados, isto é, as pessoas que os praticaram, não foram educadas, refinadas para a sociedade daquele homem. Segundo Landini (2005, p. 1), quando foi lançado, o livro *O Processo Civilizador* fez muito pouco sucesso, pois aquela realmente não era uma boa hora para o lançamento de um livro escrito em alemão, por um judeu e que, sobretudo, falava sobre civilização.

A obra divide-se em dois volumes. O primeiro apresenta uma história dos costumes. Nele o autor analisa o desenvolvimento dos diferentes conceitos de cultura e civilização na Alemanha, Inglaterra e na França. Posteriormente explora a civilidade como transformação dos costumes, que vai em mudanças nos costumes das pessoas à mesa, no momento das refeições, na forma de comer, em relação às funções corporais, tais como espirrar ou tossir, escarrar, arrotar ou expelir gases, até o comportamento no quarto de dormir ou no controle da agressividade. Para esta análise, Norbert Elias baseia-se principalmente em livros de boas maneiras, além de pinturas, literaturas e documentos históricos.

Segundo Oliveira e Mendes, 2007:

Uma das primeiras práticas docentes realizadas na modernidade foi efetuada por Erasmo de Roterdã (1469-1536), especialmente nas duas obras destinadas à educação do filho de um príncipe. Trata-se de *De Pueris* e *Civilidade Pueril*, nas

quais procura ensinar como a criança deve se comportar no convívio social. Essas duas obras, ou manuais, tinham como objetivo mostrar que o comportamento social necessita de polidez, etiqueta e requinte. Outra obra importante desse período é o manual de Giovanni Della Casa (1503-1556), *Galateo*. Nela, o autor insiste na necessidade de se ter “bons modos” à mesa, nos salões; enfim, deve-se aprender a conviver socialmente. Esses dois autores expressam uma nova exigência histórica, a de que os homens tinham que aprender a se comportar dentro de novas condições sociais. Com efeito, o mundo feudal findara-se e com ele a forma social de comportamento que o expressava. A educação estava voltada, assim, para preparar o indivíduo para a nova sociedade que estava sendo produzida (OLIVEIRA e MENDES, 2007, p. 328).

Estes manuais de boas maneiras visavam uma transformação na educação juvenil condizente com os desejos da classe que, no final da Idade Média, tomara o poder. Ao analisar as transformações nos costumes, Elias estuda diversas obras, destacando-se as de Giovanni Della Casa e Erasmo de Rotterdam, escolhidas para debater boas maneiras. Seu objetivo é tornar evidente que os princípios analisados, são inclusões da estrutura mental e emocional da aristocracia que foram apropriados pela burguesia, no fim da Idade Média, ou seja, são a propagação dos pensamentos, sentimentos, costumes e hábitos da burguesia, que chegou ao poder e precisa ser civilizada.

A história das boas maneiras está diretamente relacionada às regras de comportamento social. Essa história refere-se não apenas a questão da etiqueta, mas também diz respeito à moral, à ética, ao valor interno dos indivíduos e aos aspectos externos que se revelam nas suas relações com os outros. Todas as sociedades, ao longo da história, criaram normas e princípios com a finalidade de orientar as relações entre grupos e pessoas. Apesar de nem sempre procederem do Estado, alguns desses princípios impunham regras que se não fossem seguidas, implicariam em penalidades, que iam da desaprovação à exclusão daqueles que não as respeitassem.

Sobre as mudanças nos costumes e na educação da Idade Média à Contemporânea, Elias exemplifica com as mudanças de atitude nas relações entre os sexos:

O sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais humanas tem aumentado e mudado muito no processo de civilização. Isto se manifesta com especial clareza na dificuldade experimentada por adultos, nos estágios mais recentes de civilização, em falar com crianças sobre essas relações. Hoje, porém, esta dificuldade parece quase natural. Afigura-se que, por razões quase biológicas, a criança nada sabe sobre as relações entre os sexos e que é tarefa extremamente delicada e difícil esclarecer a meninas e meninos em crescimento o que está acontecendo com eles e o que acontece em volta. A extensão em que esta situação, muito longe de ser evidente por si mesma, constitui mais um resultado do processo civilizatório, só é entendida se observarmos o comportamento das pessoas em um estágio diferente de desenvolvimento (ELIAS, 1994, p. 169-170).

O sentimento de vergonha foi aprendido pela sociedade, e hoje se acredita ser natural, mas segundo o autor, esse sentimento foi ensinado e construído nas relações sociais. Principiando pela análise das transformações dos costumes, o autor evidencia que as mudanças não ocorrem de forma aleatória, mas de acordo com um sentido pré determinado, relacionando ao aumento do sentimento de vergonha e repugnância, em virtude das novas noções de refinamento e civilização. Na medida em que os indivíduos que formam a sociedade são educados, hábitos indesejados são suprimidos por aqueles mais polidos, cortesês e educados.

Continuando, o autor cita:

Na sociedade aristocrática de corte, a vida sexual era por certo muito mais escondida do que na sociedade medieval. O que o observador de uma sociedade industrializada-burguesa amiúde interpreta como “frivolidade” da sociedade de corte nada mais é do que essa orientação rumo à privacidade. Não obstante, medidos pelo padrão de controle dos impulsos na própria sociedade burguesa, o ocultamento e a segregação da sexualidade na vida social, tanto quanto na consciência, foram relativamente sem importância nessa fase. Aqui, também, o julgamento de fases posteriores é com frequência induzido em erro porque os padrões, da pessoa que julga e da aristocracia de corte, são considerados como absolutos e não como opostos inseparáveis, e também porque o padrão próprio é utilizado como medida de todos os demais (ELIAS, 1994, p. 178).

O que ocorre é uma naturalização dos hábitos e costumes. Quando se analisa os costumes de uma sociedade diferente da nossa, é necessário se desfazer de convicções acerca de boas maneiras e considerar que as diferenças de costumes são peculiares àquela sociedade, aquele tempo histórico. Em determinadas sociedades alguns costumes da população estão em desacordo com o padrão de sociedade que se deseja e, por meio da educação, esses hábitos indesejados podem ser alterados.

Uma das obras apontadas por Norbert Elias em seu *Processo Civilizador* foi *O Galateo*, de Giovanni Della Casa. Para Elias, essa obra representa as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade em função das transformações históricas e sociais daquele período. Nessa obra, Della Casa analisa as regras referentes ao bom comportamento social.

A nosso ver, esta obra apresenta questões pertinentes à educação e marca como esse modelo educacional pode ser construído pelos homens em determinado momento histórico. Esse é o ponto fundamental da obra de Elias, qual seja, o de apresentar que determinados costumes não podem ser naturalizados. É preciso compreender que as relações sociais são elaboradas para e pelos homens, e visam atender às demandas do momento histórico em que estão vivendo.

Segundo Della Casa, é precisamos direcionar seus modos não segundo a própria vontade, mas segundo o prazer daqueles com quem se trata. Alerta para que seja feito com moderação, pois quem bajula o prazer alheio na conversação e no trato, parece bufão, bobo e adulator, assim como quem não se preocupa com o prazer ou o desprazer dos outros é grosseiro, mal educado e deselegante. Para que nossos modos agradem aos nossos pares, é necessário que nosso comportamento seja pautado no discernimento entre as coisas que geralmente agradam ou não as pessoas, dessa forma é possível encontrar os modos que devem ser evitados ou adotados em nosso convívio.

Outra obra analisada por Norbert Elias e que também diz respeito à educação, cultura e civilização, foi publicada pela primeira vez em 1530 e destinado a Henrique de Borgonha, filho de Adolfo, príncipe de Veere, a obra *A Civilidade Pueril* de Erasmo de Rotterdam, tem como objetivo trazer ao público lições de boas maneiras. Pretende atingir a grande parte daqueles que não tiveram a oportunidade de serem educados por um pedagogo particular nem de frequentar cursos reservados aos detentores de fortunas. Erasmo procurava, com sua obra, ir ao encontro de todas as crianças, democratizando assim o patrimônio da cultura erudita até então reservada a cair no esquecimento. Acreditava que seria acolhido, mais prazerosamente, por todos os outros meninos justamente porque fora dedicado a uma criança da classe alta e de grande futuro.

Desse modo, o que Elias põe na ordem do dia quando trata das causas das mudanças é que, no que diz respeito aos costumes, as transformações que ocorrem estão relacionadas à dinâmica das classes sociais, ou seja, quando a classe social superior procura distanciar-se das outras classes sociais, cria-se novos padrões de comportamento que, historicamente, acabam por ser adotados pelas outras classes. Com o passar do tempo, esses novos padrões de comportamento deixam de ser conscientes para transformar-se em uma segunda natureza é a essa segunda natureza que o autor se refere quando fala em mudanças na estrutura da personalidade. Com relação às mudanças na estrutura da personalidade, outro fator importante é o autocontrole, que passa a ter uma função cada vez mais relevante, ao mesmo passo em que diminui a necessidade de uma influência externa. Entendemos o autocontrole como fruto do processo educacional e civilizatório. Na medida em que o homem se educa, torna-se capaz de controlar seus impulsos, suas paixões, e assim, a convivência em sociedade é facilitada. Segundo Elias, no decorrer do processo de civilidade, ocorre uma alteração no equilíbrio entre o controle externo e autocontrole, favorecendo o autocontrole.

Para Elias, o processo civilizador constitui uma mudança a longo prazo na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. No entanto, reconhece que pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa civilização, pretendendo efetivá-la, gradualmente por meio de medidas conscientes, racionais, deliberadas, ao longo de séculos. Segundo Elias a civilização não é racionalização, nem um produto da raça humana nem mesmo o resultado de um planejamento a longo prazo. Como seria possível que a racionalização gradual pudesse fundamentar-se num comportamento e planejamento racionais que a ela preexistissem desde vários séculos?

O processo civilizatório educacional que Elias analisa vai em direção ao equilíbrio entre os interesses individuais e os coletivos na sociedade, produto do autocontrole. Elias afirma que para que o homem possa ser livre e feliz, é necessário um equilíbrio mais durável, uma sintonia mais fina, entre as exigências gerais da existência social do homem, por um lado, e suas necessidades e inclinações pessoais, por outro. Dito de outra forma é preciso satisfazer as necessidades e desejos pessoais, no entanto essa satisfação não pode destoar das regras da sociedade. Se a estrutura das configurações humanas, de sua interdependência, tiver essas características, se a coexistência delas, que afinal de contas é a condição da existência individual de cada uma, funcionarem de tal maneira que seja possível a todos os assim interligados alcançar tal equilíbrio, então, e só então, poderão os seres humanos dizer a respeito de si mesmos, com alguma honestidade, que são civilizados. Até então estarão, na melhor das hipóteses, em meio ao processo de se tornarem civilizados.

Norbert Elias, ao analisar em seu livro a obra de Della Casa e Erasmo, além de outros autores que trataram sobre os costumes, apresenta critérios utilizados para definir as direções dos processos civilizadores. O principal critério para definir a direção do processo civilizador é a mudança na balança entre coerção externa (penalidades, punições, prisões, etc.) e autocoerção (educação, civilidade, cortesia), na qual a balança pende para a autocoerção, para a educação, e a civilidade. Quando a sociedade é civilizada e educada (autocoerção), as punições são menos necessárias. Quando as pessoas são disciplinadas e educadas sistematicamente, quando se conscientizam de que determinados hábitos são indesejáveis, sujeitam-se às regras difundidas pela sociedade. Desenvolve-se um padrão social de comportamento/sentimento que produz um autocontrole mais estável e diferenciado, além de um aumento na identificação mútua entre as pessoas, ou seja, um aumento da sensibilidade dos homens gerando uma sensação de pertencimento a um grupo, à uma raça.

As direções dos processos civilizadores incluem o aumento da distinção entre instintos e controle dos instintos; aumento da pressão pelo desenvolvimento da previsibilidade; psicologização e racionalização; avanço no limite entre vergonha e repugnância; ajuste de comportamentos e contrastes emocionais.

Elias conclui seu pensamento da seguinte forma:

Se analisamos em sua totalidade esses movimentos do passado, o que vemos é uma mudança em direção bem definida. Quanto mais profundamente penetramos na riqueza de fatos particulares a fim de descobrir a estrutura e regularidades do passado, mais solidamente emerge um contexto firme de processos dentro dos quais são reunidos os fatos dispersos. Da mesma forma que, no passado, quem observava a natureza, após seguir numerosas hipóteses que em nada deram, gradualmente começou a distinguir uma visão coerente dela tomando forma diante de seus olhos, hoje os fragmentos do passado humano reunidos em nossa mente e em nossos livros pelo trabalho de muitas gerações, começam, aos poucos, a se encaixar num quadro consistente da história e do universo humano em geral (Elias, 1993, p. 263).

Para o autor, na contemporaneidade, tanto quanto antes, não são apenas as metas e pressões econômicas, nem tampouco apenas os motivos políticos, que constituem as principais forças motrizes das mudanças. Nem mesmo a luta por mais dinheiro e poder. Estes constituem apenas uma máscara, um meio para se atingir a meta econômica. Os monopólios de violência física (poder de polícia) e dos meios econômicos de consumo e produção, sejam coordenados ou não, estão inseparavelmente interligados. Juntos, eles geram tensões específicas em pontos particulares no desenvolvimento da estrutura social, tensões que pressionam no sentido de sua transformação. Dito de outra forma, a economia, a política, o dinheiro são capazes de gerar mudanças, mas aliados ao monopólio do uso da violência (poder de polícia) e dos meios econômicos de consumo e produção são capazes de criar situações propícias às transformações sociais.

O autor em análise questiona ainda se podemos realmente imaginar que o processo civilizador tenha sido posto em movimento por pessoas dotadas de uma tal perspectiva a longo prazo, de um tal controle específico de todos os acontecimentos de curto prazo, já que essa perspectiva a longo prazo e esse autodomínio pressupõem um longo processo civilizador?

Para essas questões, Elias esclarece que nada na história indica que essa mudança tenha sido realizada racionalmente, por meio de qualquer educação intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A transformação acontece, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um princípio específico de ordem.

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma idéia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos “séculos de progresso”. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera seqüência de mudanças caóticas e não estruturadas (Elias, 1993, p. 193-194).

A nosso ver, o que o autor destaca na passagem, em relação ao processo civilizador nada mais é do que o problema geral da mudança histórica. Respondendo àquelas questões, o autor esclarece que, planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isoladas, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador.

O estudo desses mecanismos de integração, porém, também é relevante, de modo mais geral, para a compreensão do processo civilizador. Só se percebermos a força irresistível com a qual uma estrutura social determinada, uma forma particular de entrelaçamento social, orienta-se, impelida por suas tensões, para uma mudança específica e, assim, para outras formas de entrelaçamento, é que poderemos compreender como essas mudanças surgem na mentalidade humana, na modelação do maleável aparato psicológico, como se pode observar repetidas vezes na história humana, desde os tempos mais remotos até o presente (Elias, 1993, p. 195).

Para o autor, a civilização não é razoável, nem racional, nem irracional. A civilização é posta e mantida em movimento e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêm obrigadas a conviver.

Dessa forma, a teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se corretamente dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, as relações e instituições sociais foram firmemente estabelecidas. Esse mecanismo visava prevenir transgressões do comportamento, socialmente aceitável, mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social. Os hábitos eram transformados de forma violenta, como por exemplo, pela prisão, pela pena de morte, pelo exílio, ou ainda pelo medo do inferno.

Assim, o modelo de autocontrole, o padrão pelo qual são moldadas as paixões, os comportamentos, certamente varia muito de acordo com a função e a posição do indivíduo nessa cadeia e há, mesmo na contemporaneidade, em diferentes setores do mundo ocidental, variações de intensidade e estabilidade nas funções e relações sociais e institucionais que parecem, à primeira vista, muito grandes. A diferenciação em marcha das funções sociais, porém, é apenas a primeira e mais geral dentre as transformações que observamos ao estudar a mudança na constituição psicológica conhecida como civilização. Lado a lado, com a divisão de funções (trabalho, religião, tributação, guerra, etc.) em andamento, em função das transformações políticas e econômicas ocorridas no final da Idade Média, ocorre a total reorganização social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de Norbert Elias nos permitiu compreender a forma como as transformações sociais ocorrem ao longo do tempo e perceber que determinadas condutas e instituições sociais são construções humanas e que não devem ser naturalizadas. Por outro lado, a leitura da obra dos autores que fundamentaram o *Processo Civilizador*, nos fez refletir a respeito de nossos próprios hábitos e costumes, transformando-nos de forma a permitir um melhor refinamento de nossa postura e a diminuir ou evitar determinados hábitos capazes de causar desprazer às pessoas de nosso convívio. A análise dos costumes apresentados por Norbert Elias, amparada por Della Casa e Erasmo, são de uma relevância explícita para a formação pessoal para além da relação professor/aluno, mas para os membros da sociedade em sua totalidade.

Ao estudar a obra de Elias, gostaríamos ainda de ressaltar a importância do estudo da história, no sentido de se formar uma consciência nas pessoas, para que entendam a transformação dos homens e de seus hábitos, em cada momento histórico, de forma a não naturalizar a educação atual. Hoje, por exemplo, parece natural que façamos nossas refeições sentados à mesa, usando garfo, faca e guardanapo, no entanto, a leitura dessas obras nos mostra que esse comportamento foi construído pelos homens ao longo do tempo, passando por diversas transformações, de acordo com as demandas e objetivos das respectivas sociedades.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- DELLA CASA, Giovanni. *Galateo, ou Dos Costumes*. Tradução de Edileine Vieira Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.
- _____. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II.
- FRANÇA, J. L. VASCONCELOS, A. C. *Manual para normatização de publicações técnico-científicas*. 7 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- LANDINI, T. S. *A sociologia processual de Norbert Elias*. IX Congresso Internacional Processo Civilizatório – Tecnologia e Civilização. Ponta Grossa, 2005, p. 21 – 32.
- OLIVEIRA, T. MENDES, C.M.M. (Orgs.) *Formação do Terceiro Estado as comunas: coletânea de textos de François Guizot, Augustin Thierry, Prosper de Barante*. Maringá: Eduem, 2005.
- OLIVEIRA, T. MENDES, C.M.M. A prática docente como ação política: um olhar histórico. *Educere et Educare - Revista de Educação*. Vol 2, n. 4, jul/dez 2007, p. 327 – 340.
- ROTTERDAM, E. *De Pueris (Dos Meninos) / A civilidade pueril*. São Paulo: Editora Escala, s/d.